



CARTA MENSAL

JANEIRO 2023

Janeiro/2023 – A árdua missão do Banco Central

“Se a inflação não vai à meta, a meta vem para a inflação”

O mês de janeiro de 2023 foi marcado por um comportamento semelhante nas bolsas do mundo, que passaram por um processo de alta generalizada. O principal catalisador dos mercados foi uma melhora de humor advinda da queda da inflação nos EUA e Europa e da reabertura gradual da China da política de COVID zero, o que reduziu a aversão a risco global.

No Brasil, as manifestações violentas de 08/01 em Brasília não abalaram a confiança do investidor, sobretudo do estrangeiro, que continuou a investir em bolsa (R\$ 9 bilhões em aplicações em janeiro) e a comprar nossa moeda.

Em termos de Banco Central, existe um consenso de mercado de que foi realizado um bom trabalho na elevação da taxa SELIC de 2% ao ano em março de 2021 para os atuais 13,75% a.a., nível atingido em agosto/22. Após um forte aperto da política monetária, o juro real brasileiro, medido pelo *swap* de 1 ano versus a inflação projetada para 12 meses no Boletim FOCUS, encontrava-se em 7% a.a. ao final do mês.

Porém, qual não é a surpresa desagradável da autoridade monetária ao notar a seguinte situação: o IPCA acumulado fechou em 2021 em 10,1%, caiu para 5,79% em 2022 e, pasmem, os agentes projetam (Boletim FOCUS) o número de 5,74% a.a. para 2023. Em outras palavras, o juro real cavalgar praticado no Brasil parece não estar sendo suficiente para trazer a inflação para baixo. Muitos alegam que a inflação teria sido muito maior em 2022 se não houvesse corte de impostos. Mas a realidade dos números mostra que o processo de desinflação no Brasil tem sido extremamente lento.

A seguir, apresentamos as estatísticas de vendas no varejo, produção industrial e serviços acumulados entre 2021 e 2022:

Figura 1 – Variação de vendas no varejo, produção industrial e serviços entre 2021 até novembro de 2022

Indicador	Acumulado 2021	Acumulado 2022	Acumulado 2021 até novembro/2022
Vendas no Varejo	1,4%	1,1%	2,5%
Produção Industrial	3,9%	-0,6%	3,3%
Volume de Serviços	10,9%	8,5%	20,3%

Fonte: IBGE, elaboração própria

Observa-se na tabela que o setor de serviços foi o único que se recuperou mais fortemente depois da pandemia. O mercado de trabalho forte (em grande parte informal) colaborou para tal movimento. Nos últimos meses, no entanto, começamos a observar uma desaceleração.

Atrapalham demais o combate da inflação algumas questões. Primeiro, a pressão fiscal oriunda da PEC de gastos extra-teto. Durante o mês de janeiro, o Ministro Fernando Haddad tentou neutralizar as expectativas negativas com o anúncio de medidas que visam equilibrar o orçamento. A ambição é totalizar R\$ 242 bilhões (2,2% do PIB) de ajustes entre aumento de receitas e corte de despesas, o que zeraria o déficit primário previsto (2% do PIB) atualmente. O grande problema dessa conta é que 79% do montante viriam do incremento de receitas (que não está totalmente nas mãos do governo) e somente 21% da redução de custos (que está mais na órbita governamental). Como garantir, por exemplo, que devedores (pessoas físicas e jurídicas) do Governo irão aderir ao novo programa de pagamento com desconto de dívidas (uma espécie de Refis) do Governo Federal? São previsões de arrecadação que só poderão ser comprovadas com o tempo, observando a execução do orçamento.

Em segundo, o risco das declarações recentes do Presidente Lula que, cada vez mais parece disposto a tocar a agenda econômica, tem confrontado “o social versus o fiscal”, uma falsa dicotomia. Adicionalmente, ele também criticou a meta de inflação de 3,25% a.a., se autoelogiando por ter feito “o país crescer com uma inflação de 4,5%”. Qual será o voto dos Ministros da Fazenda e do Planejamento na reunião do Conselho Monetário Nacional a ser realizada em junho? Teremos um retrocesso com a elevação das metas? Se a inflação não vai à meta, a meta vai para a inflação?

Com tudo isso, à espera do chamado arcabouço fiscal (prometido para abril), o mercado vem piorando continuamente as expectativas de inflação desde a eleição de Lula no final de outubro/22 até o final de janeiro/23:

- ⇒ **Expectativa IPCA 2023: subiu de 4,94% para 5,72% a.a.**
- ⇒ **Expectativa IPCA 2024: subiu de 3,50% para 3,90% a.a.**

Já a estimativa da taxa SELIC para o final deste ano foi elevada de 11,25% para 12,50% ao ano. Além disso, toda a curva de juros foi majorada desde 30/10:

- ⇒ **DI Janeiro 2024 foi de 12,96% para 13,54% a.a.**
- ⇒ **DI Janeiro 2033 foi de 11,84% para 13,09% a.a.**
- ⇒ **NTN-B 2027 foi de IPCA + 5,74% para 6,17% a.a.**
- ⇒ **NTN-B 2060 foi de IPCA + 5,89% para 6,48% a.a.**

Diante do atual cenário, o Banco Central possui algumas opções prospectivas:

1 – Manter o plano de voo - Redução gradual na taxa SELIC, a partir do terceiro trimestre, rumo aos 12,50% a.a. estimados pelo Boletim FOCUS no final de 2023.

2 – Mudar o plano de voo, mantendo a SELIC constante em 13,75% a.a. durante todo o ano de 2023. A curva de juros já precifica esse cenário.

3 – Mudar radicalmente o plano de voo, promovendo novas altas da taxa SELIC, por conta do descontrole das expectativas inflacionárias.

Na opção 1, o racional é que aperto monetário já realizado tende a deprimir a atividade e conter a inflação. Resta saber se a pressão fiscal não será uma força contrária em um processo de desinflação, que já está muito complexo.

Mas a alternativa 2 vem ganhando força. O Banco Central independente não vai reduzir juros em um ambiente de incerteza inflacionária que estamos vivendo. Resta observar o que vai acontecer nos próximos trimestres.

Apesar de não ser descartável, a hipótese 3 - elevar ainda mais a taxa SELIC - nos parece pouco provável. Já estamos com o juro real na casa dos 7% ao ano. Qual será o ganho de tentar puxar esse patamar para 9% ou 10% a.a.? O custo-benefício parece desfavorável. A barra já está extremamente elevada com a SELIC a 13,75% a.a..

Em fevereiro, teremos o primeiro teste da verdadeira visão que o Governo Lula tem em relação ao Banco Central. Expira o mandato de Bruno Fernandes, diretor de política monetária, cargo extremamente técnico. Quem Lula irá indicar? Qual o perfil de profissional?

Em termos de atividade, o mês de novembro (em relação a outubro) já começou a mostrar uma desaceleração no Brasil. Enquanto a produção industrial (-0,1%) e o setor de serviços (0%) apresentaram estabilidade, as vendas no varejo caíram -0,6%. Os fatores alto endividamento das famílias + crédito mais caro superaram a reabertura da economia, crescimento da massa salarial e estímulos fiscais.

Durante o mês, no Boletim FOCUS, os economistas majoraram suas estimativas de crescimento para o corrente ano: PIB 2023 de 0,70% para 0,80% a.a.. Ainda acreditamos em um crescimento ao redor de 1% a.a. (se o fiscal permitir uma queda de juros em meados de 2023).

A inflação continuou mostrando sinais de inércia. O IPCA de novembro e o IPCA-15 de dezembro apresentaram leituras ao redor de 0,60%, média de núcleos ao redor de 0,62% e difusão de 68%, números piores que os de novembro. Os índices ao atacado estão em níveis mais confortáveis. O IGP-DI de dezembro/22 fechou em 0,31%, enquanto o IGP-10 veio em 0,05% (com o acumulado no ano chegando a 4,27%). Já o IGP-M de janeiro/23

apontou para 0,21%, sinalizando que os preços ao atacado parecem mais comportados que os do varejo.

Em relação às estatais, a indicação de Jean Paul Prates e Tarciana Medeiros para, respectivamente, a presidência da Petrobras e do Banco do Brasil, colocaram o mercado em compasso de espera no acompanhamento dos próximos passos. No caso do BNDES, os investidores ficaram preocupados com as declarações de Lula, já indicando a potencial participação da entidade em um financiamento de um gasoduto na Argentina. O receio é que o banco de fomento regrida a um passado muito ruim de crédito farto para projetos não necessariamente interessantes não só em termos financeiros como também de utilidade para o país.

A situação na Zona do Euro apresentou dados melhores de atividade em janeiro. O PMI composto de 49,3, apesar de estar ainda abaixo do limítrofe de 50, foi o maior dos últimos cinco meses. Na Alemanha, o motor da região, o número (49) também melhorou. Os medidores de inflação também vêm caindo: CPI de -0,4% em dezembro, com o acumulado de 12 meses em 9,2% (versus a máxima de 10,6% observada em outubro/22).

No Reino Unido, notou-se uma retração de atividade – vendas no varejo caíram 1% em dezembro versus uma expectativa de +0,3%. A rentabilidade do título de 30 anos (GILT) arrefeceu ao longo do mês, saindo de 3,95% a.a. para 3,72% entre dezembro e o final de janeiro.

Já nos EUA, pelo terceiro mês consecutivo, o grande destaque foi a bem-vinda queda da inflação em dezembro. O CPI cheio (-0,1%) e o núcleo (+0,3%) vieram dentro das estimativas. O PCE melhorou ainda mais a leitura positiva, com o indicador cheio em 0,1% (versus 0,2% esperados) e o núcleo em 0,3% (versus 0,3% esperados).

No entanto, mais uma vez verificamos um resiliente Relatório de Emprego. Em novembro, houve a criação de 223 mil vagas versus 210 mil esperados, com a taxa de desemprego em 3,5% (mínima histórica).

A ata da reunião do FED de dezembro confirmou a tendência de continuidade de elevação da taxa básica de juros. Mas é bastante provável que o FED desacelere o ritmo para 25 pontos-base de corte. Isso aliviou as condições financeiras em todo o globo.

A distensão da política de COVID zero na China (liberação das viagens internas e de visitantes internacionais) levou a mais um mês de alta das commodities. É fundamental que a China, diante do baixo crescimento dos EUA e da Europa, apresente uma recuperação importante no PIB, para equilibrar a atividade mundial em 2023.

Figura 2: Retorno dos ativos em janeiro

Indicadores	dez/22	jan/23	Variação mês x mês
Bolsas			
Ibovespa	109.734	113.431	3,4%
IBX	46.546	48.181	3,5%
S&P 500	3.839	4.077	6,2%
Câmbio			
Dólar/Real	5,22	5,10	2,4%
DXY	103,52	102,10	-1,4%
Curva de Juros e Risco-País			
DI Janeiro 2033	12,61%	13,10%	0,5%
NTN-B 2025	6,29%	6,20%	-0,1%
NTN-B 2055	6,20%	6,48%	0,3%
Swap DI x Pré 12 meses	13,65%	13,13%	-0,5%
CDS 10 anos	3,35%	3,16%	-0,2%
Treasury 2 anos	4,34%	4,21%	-0,1%
Treasury 10 anos	3,83%	3,52%	-0,3%
Commodities			
Petróleo Brent	80,96	84,61	4,5%
Minério de Ferro	117,35	128,95	9,9%
Soja US\$ (CBOT)	1.524	1.538	0,9%

Fonte: Quantum Axis, S&P Platts, B3, elaboração própria

No mercado de renda variável, puxada principalmente pela melhora de humor externo, a bolsa brasileira iniciou o ano com rentabilidade positiva (Ibovespa: +3,4%), seguindo a performance dos índices globais em janeiro (o S&P subiu 6,2%). Dos vinte e dois índices setoriais calculados pela Meta Asset Management, dezessete apresentaram variação positiva no mês.

No mercado de renda fixa, a curva “inclinou”, com os investidores buscando proteção contra o risco fiscal nos vértices mais longos. O swap de doze meses subiu de 13,07% para 13,13% a.a. (+6 pontos-base), enquanto o DI de dez anos disparou de 12,61% para 13,10% a.a. (+49 pontos-base).

No mercado de NTN-Bs, o movimento foi também de inclinação da curva, com a queda dos cupons mais curtos (2025: -9 pontos-base) e abertura dos mais longos (título 2055: +28 pontos-base).

A curva das taxas das *Treasuries* de dois e dez anos nos EUA apresentaram tendência oposta à curva local, com fechamento de taxas. Enquanto o rendimento da Treasury de 2 anos caiu de 4,34% para 4,21% a.a., a taxa da Treasury de 10 anos declinou de 3,83% para 3,52% a.a., a partir da divulgação de dados mais alentadores de inflação nos EUA.

No mercado de câmbio, o Brasil seguiu, em janeiro, a mesma tendência de depreciação da moeda norte-americana observada mundialmente (DXY: -1,4%), com o Real se valorizando (+2,4%) em relação ao dólar. Tal movimento ocorreu perante a forte alta da cotação do minério de ferro (+9,9%), do petróleo (Brent +4,5%) e da soja (+0,9%).

Já o Risco-Brasil, representado pelo *Credit Default Swap* (CDS) também se contraiu a partir de um ambiente internacional mais tranquilo, saindo de 3,35% em dezembro para 3,16% a.a ao final de janeiro.

Figura 3: Índices setoriais – Meta Asset – Mês de janeiro

Índices Meta Asset	dez/22
Meta Índice Siderurgia	17,65%
Meta Índice Construção Civil	14,44%
Meta Índice Mineração	13,18%
Meta Índice Supermercados	11,48%
Meta Índice Indústria	9,47%
Meta Índice Logística	9,15%
Meta Índice Saúde	7,92%
Meta Índice Óleo & Gás	7,79%
Meta Índice Companhias Aéreas	6,06%
Meta Índice Locação de Veículos	5,86%
Meta Índice Agricultura	4,61%
Meta Índice Varejo	3,99%
Meta Índice Água e Saneamento	3,55%
Meta Índice Serviços Financeiros	3,55%
IBX	3,51%
Ibovespa	3,37%
Meta Índice Tecnologia	1,93%
Meta Índice Bancos	1,90%
Meta Índice Materiais Básicos	0,29%
Meta Índice Energia Elétrica	-0,05%
Meta Índice Shoppings	-1,68%
Meta Índice Exploração de Imóveis	-2,45%
Meta Índice Frigoríficos	-3,84%
Meta Índice Açúcar e Alcool	-6,51%

Fonte: Quantum Axis, elaboração própria

Quatro índices setoriais subiram acima de 10% em janeiro.

Dois deles ligados a commodities – siderurgia e mineração – calcados principalmente na reabertura da economia chinesa: CSN Mineração (30%), CSN (27%) e Usiminas (18%).

Outros dois setores que tiveram ótimo desempenho foram construção civil e supermercados, o primeiro pelo Beta alto em relação à variação do

Ibovespa, e o segundo na expectativa por bons resultados no quarto trimestre: destaques para Gafisa (31%), Cyrela (16%), Pão de Açúcar (25%), Carrefour (11%).

Destaque negativo para o setor de açúcar e álcool, muito por conta da desoneração do preço dos combustíveis que tem afetado a competitividade do etanol: Raízen (-12%) e São Martinho (-6%).

O segmento de frigoríficos também apresentou má performance - Marfrig (-12%) e JBS (-9%) caíram muito por conta da valorização do real em relação ao dólar e pela virada do ciclo do boi (ficando mais caro) nos EUA.

CARTEIRA META VALOR

O Meta Valor FIA atingiu desempenho de 4,90% versus 3,51% do IBX em janeiro, coincidindo com a performance acumulada de 2023.

O ano se iniciou de forma positiva para o mercado acionário no Brasil, que acompanhou o bom humor global. O Fundo Meta Valor apresentou rentabilidade acima do IBX-100 no mês, decorrente principalmente da boa performance de algumas empresas dos setores de varejo, construção e commodities.

O setor de mineração e siderurgia foi um dos destaques de alta do mês de janeiro, em decorrência da subida de 9,9% do preço do minério de ferro Platts, motivado pela reabertura da China e restrições de novas oferta da *commodity*. O mesmo movimento altista se observou no preço do aço e do alumínio.

As ações da 3R Petroleum foram destaque de alta do setor de petróleo, na expectativa da conclusão da aquisição do campo mais relevante de seu portfólio, o Polo Potiguar, prevista para o primeiro trimestre do ano. Apesar de todas as incertezas com relação à nova gestão da empresa, as ações da Petrobras apresentaram bom desempenho no mês, se recuperando parcialmente das quedas anteriores. O valor dos dividendos que serão pagos referentes ao quarto trimestre de 2022 será uma boa forma do mercado avaliar o futuro da companhia.

Já o setor de varejo passou por um momento bastante conturbado em função do escândalo contábil da Americanas, cujas ações recuaram fortemente. Por outro lado, as ações da Magazine Luiza se movimentaram no sentido oposto, sendo o destaque de alta da carteira em janeiro, uma vez que a empresa deverá ser uma das grandes herdeiras do enfraquecimento do comércio online da Americanas. De uma forma geral, o setor apresentou uma boa performance no mês, assim como algumas empresas de construção, com os investidores adicionando ativos domésticos às carteiras.

No setor de bancos, as ações do Banco do Brasil foram novamente destaque positivo, uma vez que as nomeações para CEO e vice-presidentes do banco consistiram em pessoas com larga experiência. Os grandes bancos privados foram penalizados pelo “evento Americanas”, pois terão que reconhecer perdas com os empréstimos realizados. O Itaú é o banco privado com menor exposição. No mês de janeiro, reduzimos a nossa posição no setor.

CARTEIRA META SMALL CAPS

O Meta SMALL CAPS FIA atingiu desempenho de 10,91% versus 2,92% do SMLL em janeiro, coincidindo com a performance acumulada de 2023.

CASO DE INVESTIMENTO: MATER DEI

Visão geral da empresa

A companhia, fundada em 1973 pelo Dr. José Salvador Silva, atua como uma rede hospitalar voltada para o público de alta renda, com capacidade instalada de aproximadamente 2.600 leitos hospitalares. É a maior rede de hospitais de Minas Gerais, com cerca de 30% de *market share*. Recentemente, expandiu sua área de atuação, com a inauguração do Mater Dei Salvador.

Figura 4 – Unidades da rede Mater Dei



Fonte: RI da Companhia

A Mater Dei é referência de qualidade em Minas Gerais, o que pode ser observado a partir de suas diversas creditações (método de avaliação dos serviços de saúde que visa assegurar a qualidade e a segurança assistencial) e prêmios recebidos ao longo dos anos.

Figura 5 – Prêmios recebidos pela Mater Dei



Fonte: RI da Companhia

Figura 6 – Acreditações da rede Mater Dei



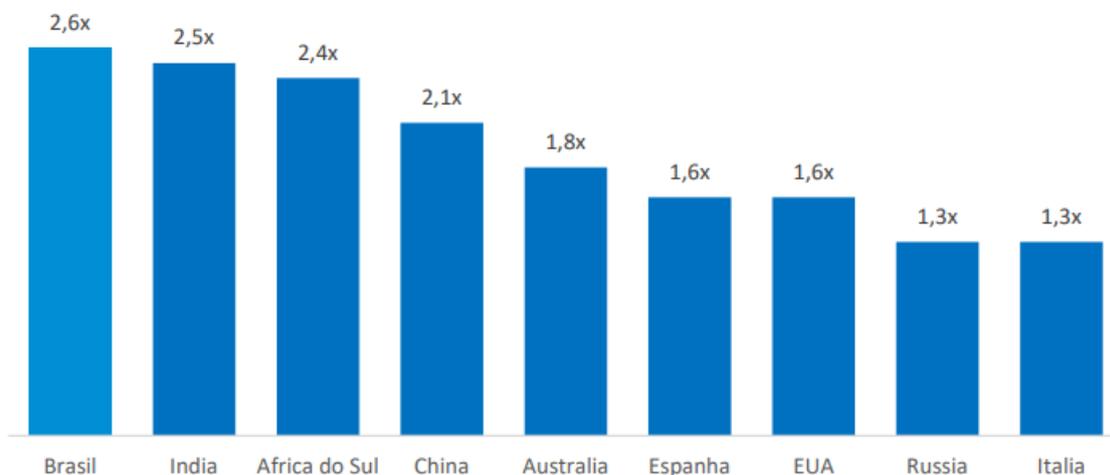
Fonte: RI da Companhia

Destaques da tese

Primeiramente, deve-se destacar a tendência secular de crescimento do setor de saúde no Brasil, que deve favorecer as redes hospitalares pelas próximas décadas. Estima-se que a população acima de 60 anos no Brasil deve mais que dobrar até 2025, mostrando crescimento acima de seus

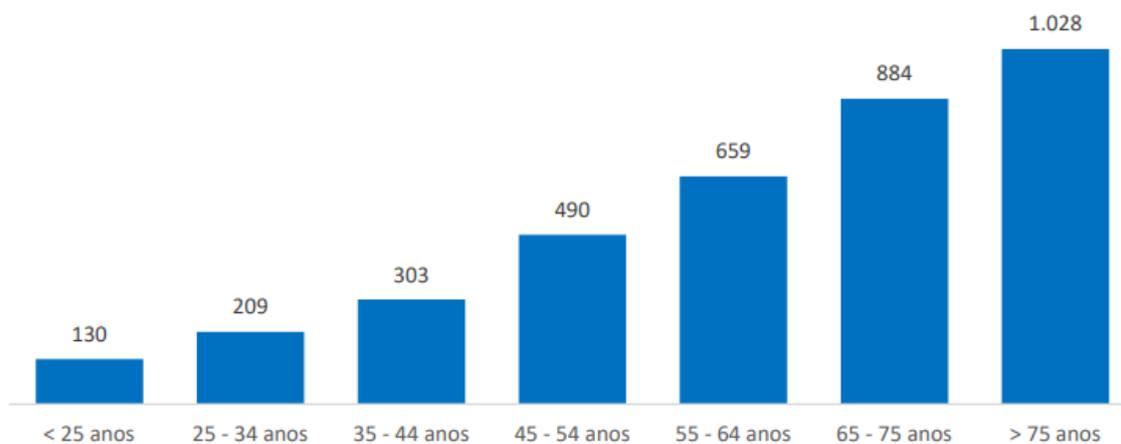
pares internacionais. Além disso, vemos que o gasto médio anual per capita com saúde é diretamente proporcional à idade média da população, o que representa uma oportunidade de expansão para as empresas do setor.

Figura 7 – Evolução estimada da população + 60 anos entre 2017 e 2025



Fonte: ONU

Figura 8 – Gasto médio anual com saúde por faixa etária (US\$ per capita, 2014)



Fonte: ANS, IBGE

Dentro de seu segmento, a Mater Dei sempre se destacou por sua qualidade operacional e elevado *pricing power*, refletindo em margens acima dos concorrentes. Até 2019, quando focava somente em Minas Gerais, apresentava Margem EBITDA na casa dos 35%, bastante acima dos pares. Recentemente, com a entrada em novas praças, as margens consolidadas caíram como esperado, mas ainda estão em patamares muito saudáveis, na casa de 25% a 27%, em linha com o principal *benchmark* do setor, a Rede D'Or.

Figura 9 – Margem EBITDA das principais redes hospitalares



Fonte: RI da Companhia

Figura 10 – Margem Líquida das principais redes hospitalares



Fonte: RI da Companhia

Além das tendências positivas para o setor e da excelência da empresa, nossa tese se baseia em uma visão de que a companhia já possui um forte crescimento contratado, sem a necessidade de realizar mais elevados investimentos, o que deve trazer um bom crescimento de lucro e, conseqüentemente, alto retorno sobre o capital. Isso porque a companhia mais que dobrou sua capacidade de leitos nos últimos dois anos, tendo crescido cerca de 4x desde 2018, utilizando a própria geração de caixa e os recursos captados no IPO para realizar diversos projetos *greenfields* e *brownfields*, além de aquisições estratégicas. Por outro lado, alguns projetos ainda estão longe de atingir sua maturidade, fazendo com que os resultados da companhia estejam abaixo de seu potencial no momento.

Ainda assim, a companhia entregou fortes resultados em 2022. Estimamos que a Receita Líquida tenha se ampliado em cerca de 70% e o EBITDA ao redor de 50%, mesmo com queda de margens decorrente da entrada de novos projetos. Quando olhamos para o potencial dos resultados, apenas considerando a maturação destes projetos e o repasse da inflação no seu ticket médio, vemos uma empresa que irá aliar alto crescimento de receita, expansão de margens e elevado retorno sobre o capital investido, fatores muito atrativos em um investimento.

Valuation

Como citado anteriormente, apenas a maturação da companhia já deve trazer bons retornos para o investimento, sem considerarmos diferentes opcionalidades. Como exemplo, atualmente, a empresa ainda apresenta taxa de operação (leitos operacionais / leitos totais) abaixo de 60%, enquanto uma rede madura normalmente opera com essa taxa em torno de 80%.

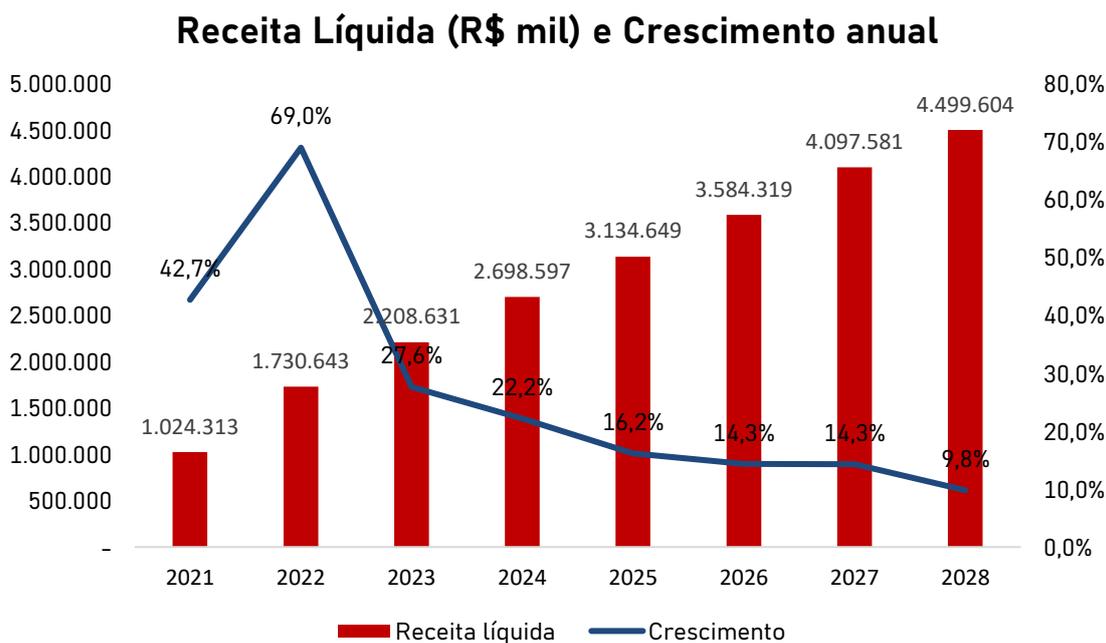
Assim, enquanto estimamos que a capacidade instalada deva apresentar elevação anualizada de 5,5% pelos próximos 5 anos, o número de leitos operacionais deverá crescer à uma taxa de cerca de 14% no período, considerando que a companhia atinja 80% de taxa de operação. Considerando uma taxa de utilização (leitos ocupados/leitos operacionais) estável em 70%, e um repasse do ticket médio em linha com a inflação, vemos uma empresa que deverá ampliar sua receita a uma taxa anualizada próxima a 20% pelos próximos cinco anos, sem a necessidade de grandes investimentos, algo raro em nosso universo de cobertura.

Figura 11 – Estimativa de leitos operacionais da Mater Dei



Fonte: Meta Asset

Figura 12 – Estimativa de crescimento da receita da Mater Dei

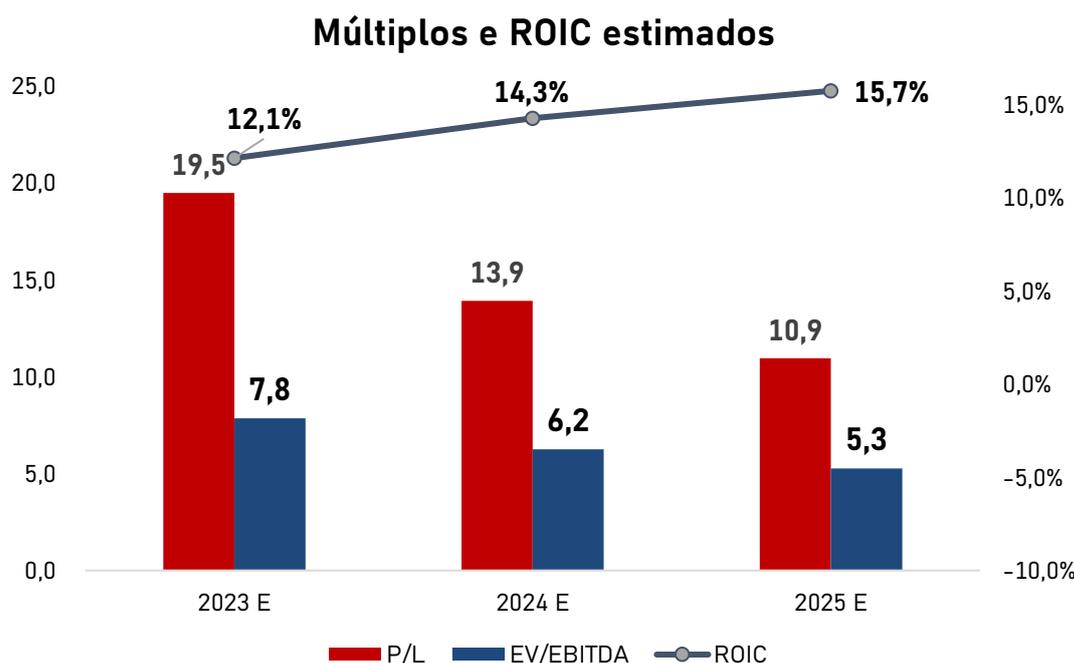


Fonte: Meta Asset

Além deste forte crescimento, vemos espaço para a expansão de margens, mesmo que se normalizando abaixo do patamar pré-pandemia, quando a companhia operava somente em Minas Gerais. A Mater Dei ainda possui muitos custos fixos que podem ser diluídos ao longo dos anos, além de diversas despesas não recorrentes presentes em projetos recentes. Assim, estimamos que a Margem EBITDA deverá crescer para perto de 28% na maturidade, saindo de cerca de 25% atualmente, contribuindo para um fortalecimento ainda maior dos resultados. Dado o baixo investimento nestes anos, vemos um ROIC próximo a 20% na fase perpétua, o que é bastante atrativo para uma empresa que apresenta esse patamar de crescimento.

Diante disso entendemos que os múltiplos estimados de 19x lucros para 2023 e 14x lucros para 2024 não condizem com a expectativa de crescimento de lucros para os próximos anos, aliada à alta rentabilidade do *business*, o que se traduz em uma boa oportunidade de investimento, mesmo após a valorização de cerca de 50% nos últimos dois meses.

Figura 13 – Múltiplos e ROIC estimados para Mater Dei



Fonte: Meta Asset

Fundos de Ações	Data	Valor da Cota	Dia	Mês	No Ano	Últimos 12M	PL Atual (mil)	PL Médio 12M (mil)	Estratégia	Data de Início
META VALOR FIA	31/01/2023	3,03940111	0,92%	4,90%	4,90%	-6,11%	236.322	261.371	Ações IBrX Ativo	11/04/2006
IBX-100			0,95%	3,51%	3,51%	0,75%				
IBOVESPA			1,03%	3,37%	3,37%	1,15%				
META 11 SMALL CAP FIA	31/01/2023	0,86951557	3,53%	10,91%	10,91%		2.435	2.379	Ações Small Caps Ativo	11/04/2022
Small			1,72%	2,92%	2,92%					
Total Estratégia Renda Variável							238.757	263.750		
Total AUM							239.669	264.865		

Indicadores	Data	Dia	Mês	No Ano	Últimos 12M
CDI	31/01/2023	0,05%	1,12%	1,12%	12,83%
IPCA	31/01/2023	0,00%	0,62%	5,79%	5,79%
IBrX - 100	31/01/2023	0,95%	3,51%	3,51%	0,75%
SMLL	31/01/2023	1,72%	2,92%	2,92%	-15,47%

DATA DE ENVIO

01/02/2023

DATA DE REFERÊNCIA

31/01/2023

As rentabilidades informadas estão líquidas de taxas de administração e performance.

META VALOR

Taxa de Administração: 2,50% a.a.

Taxa de Performance: 20% sobre o ganho que exceder a variação do IBX-100 FECHAMENTO (conceito marca d'água).

Resgate: D+1, D+2.

(*) A coluna 12, 24, 36, 48 e 60 meses se refere a rentabilidade da cota data base (d-1) dividido pela cota do dia útil equivalente de 12, 24, 36, 48, 60 e 72 meses atrás.

(**) A tabela dos últimos 365 dias se refere a rentabilidade da cota data base (d-1) dividido pela cota de 365 dias atrás (d-365)

META 11 SMALL CAP FIA

Taxa de Administração: 2,50% a.a.

Taxa de Performance: 20% sobre o ganho que exceder a variação do ÍNDICE SMLL FECHAMENTO (conceito marca d'água).

Resgate: D+1, D+2.

Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Para avaliação da performance do fundo de investimento, é recomendável uma análise em um período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Leia o prospecto, o formulário de informações complementares, Lâminas e Regulamento antes de investir. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.



A presente instituição aderiu ao Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para os Fundos de Investimento.